

Primeira parte: A(s) aventura(s)

CAPÍTULO 1 - AVENTURA E LINGUAGEM

Ferdinand de Saussure (1857-1913) é conhecido como o fundador da linguística moderna graças a sua obra póstuma, o Curso de linguística geral, cuja edição foi possível pela junção das anotações dos cadernos de alguns alunos que frequentaram suas aulas entre 1907 e 1911 e alguns poucos dos seus manuscritos. Ele mesmo havia anunciado muitas vezes um livro que tratasse dos problemas gerais da área de estudos da linguagem, e tal estatuto científico foi francamente perseguido no século XIX, mas nunca alcançado de maneira efetiva.

A publicação do CLG acontece imediatamente após a sua morte, dada a rápida iniciativa da sua esposa, Marie Faesch de Saussure (1867-1950), que chama três grandes interlocutores do seu marido para conversar sobre a possibilidade de publicar as ideias de Saussure, consideradas geniais por tantos dos seus colegas, e que poderiam se perder com a sua morte. É assim que Antoine Meillet (1866-1936), Albert Sechehaye (1870-1946) e Charles Bally (1865-1947) se encontram na casa de Saussure, em 1913, ano da morte do linguista, para – com o apoio de Marie de Saussure, que coloca à disposição deles os manuscritos de Saussure de que dispunha – pensarem a melhor forma de efetivar a proposta de Saussure, que não havia se cumprido e era esperada por muitos: a publicação de um livro de linguística geral. Como se lê no prefácio dos editores a essa obra, “todos que tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro” (BALLY;

SECHEHAYE apud SAUSSURE, 1973 [1916], p. 1).

O resultado é conhecido. O CLG foi traduzido em dezenas de línguas e é considerado um clássico, embora as polêmicas a respeito da edição não cessem de se renovar, muitas delas contrastando os manuscritos de Saussure à publicação póstuma. Foi, no entanto, nesse primeiro momento, logo após a morte de Saussure, que seus manuscritos tiveram uma primeira abordagem. Contudo, haveria muito mais a se testemunhar do percurso teórico de Saussure, conforme sublinha Fehr (1996), em um excelente apanhado sobre as produções de Saussure em torno da sua obra:

Cette première conception a été changée de fond en comble par les travaux de Robert Godel et l'avalanche de publications qu'il ont déclenchée. En effet, depuis de début des années soixante, les publications posthumes de notes inédites sur les sujets les plus divers, de lettres et de documents saussuriens ne cessent de s'accumuler (FEHR, 1996, p. 180).

Assim, um novo capítulo na recepção saussuriana é escrito na segunda metade do século XX, justamente porque uma grande quantidade de manuscritos de Saussure começa a ser descoberta depois da morte de Marie de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye. Marchese resume a chegada desses documentos:

É evidente que, depois da edição do *Curso de linguística geral* por Bally e Sechehaye, os quais viram – se supõe – os manuscritos de seu mestre ainda reunidos, os manuscritos saussurianos não seguiram um percurso unitário. Os manuscritos de Ferdinand de Saussure legados pela sua família à Biblioteca Pública de Genebra em janeiro de 1955 formam um notável conjunto, que não constitui, contudo, a totalidade dos inéditos do linguista genebrino. Em novembro de 1955 Mme. Bally, a exemplo da família de Saussure, remete à BGE, os manuscritos que seu marido tinha guardado com ele. A Houghton Library da Universidade de Harvard recebe, em 1968, um outro

grupo importante de manuscritos que estavam em mãos dos filhos de F. de Saussure; em 1996 se descobre, em uma dependência da casa de campo da família de Saussure em Genebra, manuscritos de um 'livro de linguística geral', que se acreditava definitivamente perdido, e que são conservados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (MARCHESE, 2003, p. 338, grifo da autora).

Giram muitas hipóteses em torno das motivações da entrega parcelada desse material e mesmo sobre as condições em que os manuscritos foram entregues às bibliotecas. Supõe-se, por exemplo, que a esposa de Saussure e os editores do CLG eram contrários à circulação de seus manuscritos, por isso eles chegaram a público apenas após a morte de todos os três, assim como é corrente a informação de que os filhos de Ferdinand de Saussure teriam vendido, por intermédio de Roman Jakobson, os manuscritos que chegaram à Harvard. Além desse fato, há uma infinidade de cartas que Saussure enviou aos seus inúmeros interlocutores e que, vez ou outra, chegam à BGE; especula-se que ainda há cartas a surgir.

Ao lado das informações sobre as suas atividades intelectuais e de pesquisa, o imaginário sobre a produção e circulação dos manuscritos de Saussure contribui, para um amplo espectro que constitui a recepção da sua obra, que não cessa de ser reinterpretada à luz de novas informações ou mesmo do amadurecimento das áreas de trabalho que se ocupam da produção teórica do genebrino e favorece que ela seja tomada na dimensão de uma aventura na e sobre a linguagem. Como veremos, o próprio Saussure franqueia essa entrada, mas é Agamben que nos fornece os elementos necessários para seguirmos adiante.

1.1 A aventura segundo Saussure

A ideia de uma aventura saussuriana chega a nós através do

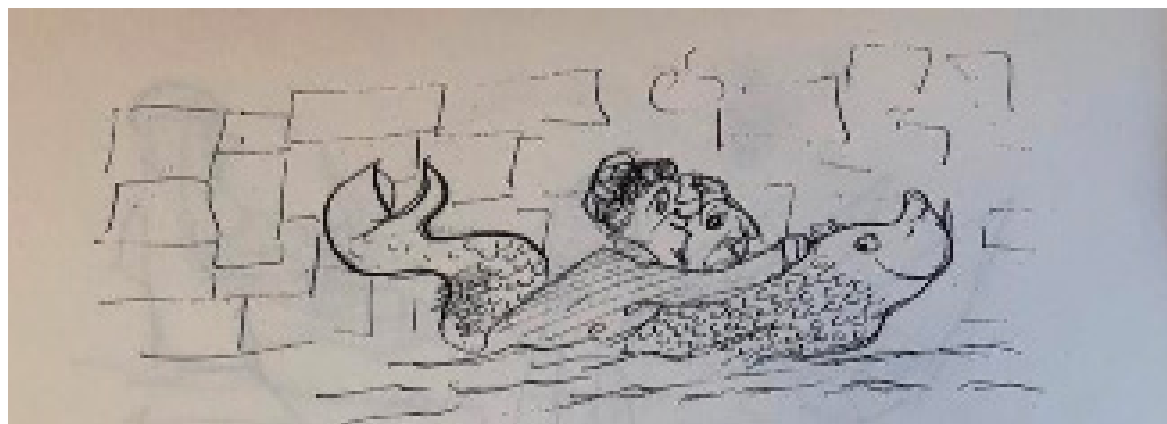
próprio linguista, que nos mostra algumas possibilidades de pensar a aventura. Talvez a mais precoce seja a sua história em quadrinhos *Les Aventures de Polytychus* [As aventuras de Polytychus], arquivada na Biblioteca de Genebra, sob a rubrica Ms. Fr. 3974, produzida em 1875, quando o genebrino contava com 17 anos. Ela foi apresentada por Sèmir Badir em 2003, na edição *Saussure* do *Cahier de L'Herne*. Badir a resume da seguinte forma:

Les amateurs auront plaisir à reconnaître dans les dessins d'un étudiant de dix-sept ans quelques-unes des problématiques qui préoccuperont le savant: les étymologies populaires, la transcription oraculaire, le parcours de l'interprétation, et même le thème de la valeur qui reçoit ici un traitement primitif (BADIR, 2003, p. 474).

Alguns temas sobre a linguagem aparecem sub-repticiamente enquanto o jovem genebrino narra as peripécias do seu personagem principal Polytychus, que, diante de um grande tédio em Atenas, é chamado pelo amigo Picrate a cumprir uma de suas obrigações, que se transformam numa série de acontecimentos imprevistos. Nesse percurso, feito com um outro companheiro– o seu funcionário Hipurgo –, a juvenil noção de aventura se espraia pelos quadrinhos enquanto Polytychus, inadvertidamente, se coloca em situações de risco e, por mérito do acaso e de sua perspicácia, escapa não só ileso, mas com algum ganho.

Com um ritmo de aventura policial e plena de humor, essa ficção sobre as peripécias que tiraram Polytychus, o cidadão ateniense, do tédio e lhe mostraram a sua capacidade de vencer os obstáculos tem como tema principal uma série de aventuras, bem ilustrada pela imagem de Polytychus e Hipurgo, como vemos abaixo:

Figura 1 - Reprodução da página 494 do *Cahier de L'Herne: Saussure*; imagem do manuscrito *Les Aventures de Polytychus*, conservado na BGE sob a inscrição Ms. Fr. 3974/a



Fonte: Saussure (1875 apud BADIR, 2003, p, 494)

A legenda dessa imagem, escrita por Saussure e transcrita por Badir (2003, p. 494), dá o tom da aventura em questão: “Sem dúvida Polytychus e Hipurgo teriam perecido miseravelmente neste calabouço se Netuno não tivesse enviado um golfinho salvador que os resgatasse.”¹ Os companheiros salvam-se fantasticamente. É preciso notar que os vários episódios pelos quais o personagem principal passa na trama são, cada um, chamados de aventura, daí o título no plural: “As aventuras de Polytychus”.

Saussure, de forma surpreendente, oferece, ao linguista que o conhece apenas pelo *Curso de linguística geral*, uma história em quadrinhos totalmente produzida por ele, com uma narrativa que nos permite iniciar a reflexão a qual nos propomos neste trabalho. Porém, é com o seu testemunho de 1903, também relativamente desconhecido do grande público, que passamos a conhecer uma perspectiva mais madura e sensível do que ele considera uma aventura.

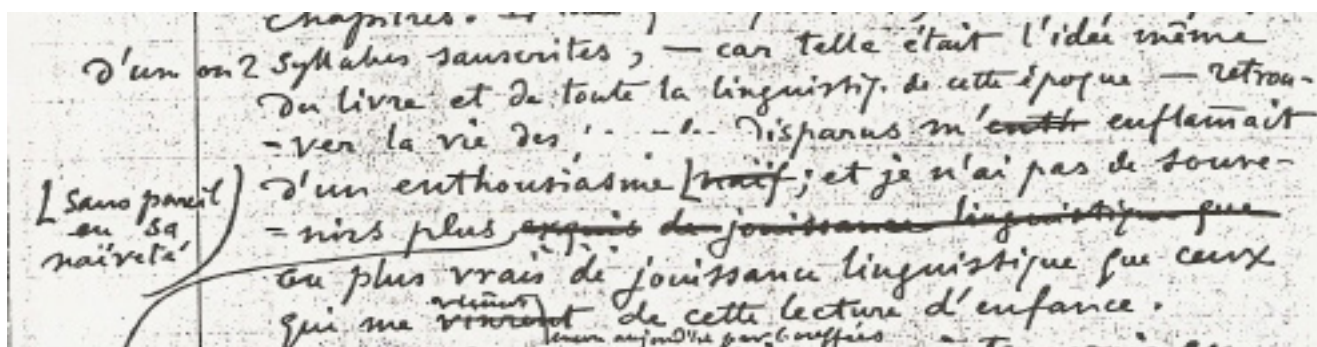
Cerca de dez anos antes de morrer, Saussure produz uma espécie de memorial que ele escreve com o objetivo de enviar a um amigo:

¹ No original: “Sans doute Polytychus et Hipurgo auraient péri misérablement dans cette oubliette si Neptune ne leur envoyé un dauphin sauver emmena tous deux.”

*Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*². Esse texto, nunca enviado e agora arquivado na Biblioteca Pública de Genebra, nos deixa entrever o autorretrato intelectual de Saussure, o qual ele se dá ao trabalho de fazer com o intuito de registrar o ponto de origem de um percurso que o levaria ao seu único livro publicado em vida: o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*³.

Nessa escrita da sua aventura, lhe ocorre uma passagem indelével da sua infância, quando relembra as sensações que uma leitura lhe imprimiu: tratava-se de um livro do vizinho da casa de férias, o linguista Adolf Pictec:

Figura 2 - Reprodução da folha 5 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p, 5)

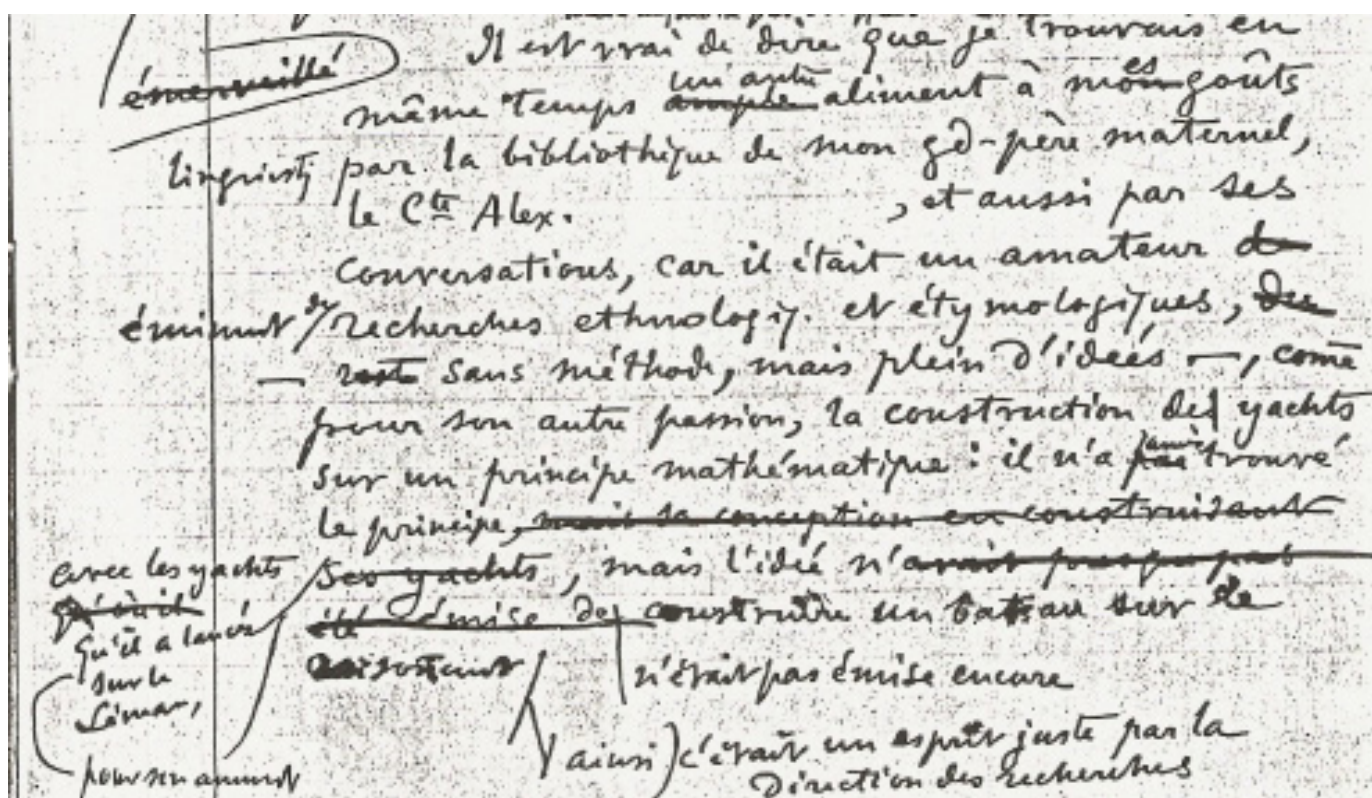
[...] - pois tal era a ideia mesmo do livro e de toda a linguística da época - descobrir a vida dos povos desaparecidos, me-xxx inflamava de um entusiasmo ^{ingênuo} incomparável em sua ingenuidade; e não tenho lembranças mais deliciosas de prazer linguístico que mais verdadeiras de prazer linguístico do que aquelas que me vieram ^{ainda} hoje me vêm dos sopros dessa leitura de infância

2 Escrito em 1903, foi assim nomeado pelo seu catalogador, Robert Godel, na década de 1950 e arquivado na Biblioteca Pública de Genebra sob a rubrica Ms. Fr. 3957-1. É mais conhecido por *Souvenirs*, forma como nos referiremos a ele neste trabalho.

3 Doravante *Mémoire*.

Essa memória que lhe toma de forma sensorial, “em sopros” ou “em baforadas”, lhe evoca imediatamente outra, na qual lhe ocorre que o gosto pela aventura, propriamente dito, não havia sido descoberto por ele na vizinhança, com um amigo da família, mas em sua própria casa, com o avô materno:

Figura 3 - Reprodução da folha 6 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p. 6)

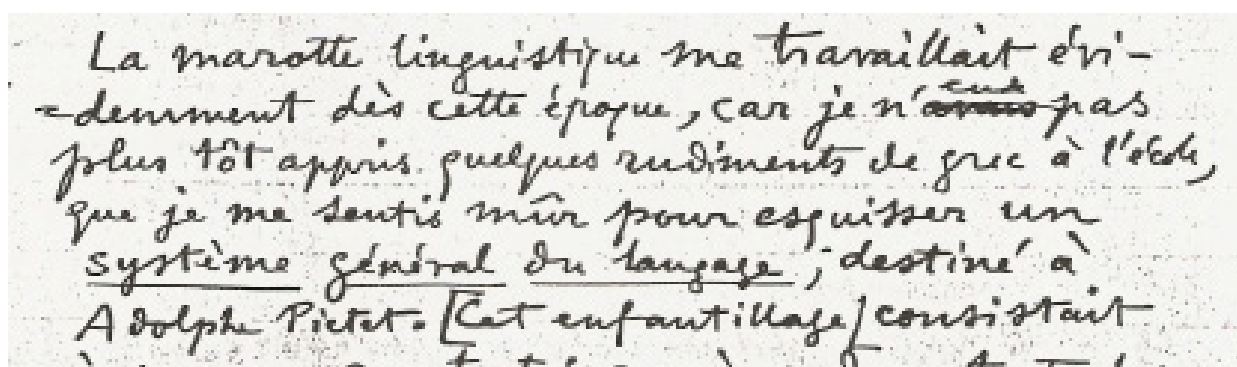
É verdade dizer que encontrei ao mesmo tempo ~~amplo~~ ^{um outro} alimento para meus^s gostos linguísticos na biblioteca do meu avô materno, o Cte. Alex. ~~et aussi par ses~~ , e também por suas conversas, pois ele era um eminente amador de ~~de~~ ^{eminente de} pesquisas etnológicas e etimológicas, ~~de~~ ^{de} resto sem método, mas cheio de ideias –, quanto a sua outra paixão, a construção de iates sobre um princípio matemático: ele ~~não~~ ^{nunca} encontrou o princípio, ~~mas sua concepção na construção~~ ~~seus iates~~, com os iates que ele lançou no Lemman, para sua diversão, ~~mas a ideia não tinha sido proposta~~ ^{não tinha sido proposta ainda} de construir um barco com base

nesse raciocínio. Por isso era um espírito propício à condução de pesquisas 4

Saussure retoma a imagem da biblioteca do seu avô no reconhecimento do que se pode chamar de “*punctum*” com Barthes (1984, p. 69): “esse acaso que, nela (imagem), me punge”. Esse ponto desde onde, para ele, a sua aventura se inicia ao testemunhar a aventura do avô, que buscava descobrir uma maneira específica de construir barcos e os lançava ao lago Lemano, em Genebra, para descobrir até onde havia logrado sucesso. É importante notar que Saussure destaca alguns aspectos da aventura do avô: i) a incompletude: “ele nunca encontrou o princípio”; ii) o lúdico: “para sua diversão”; iii) a falta de método e o princípio matemático que falha; iv) o inacabado: “não deixar de lado [a ideia de construir o barco naqueles princípios]” e, fundamentalmente, iv) a narrativa: “suas conversas” -- o avô narrava para o pequeno as suas aventuras.

Mesmo que Saussure tenha localizado esse ponto no qual a sua aventura tem um início (um determinado momento da sua infância), ainda não é claro para ele o que se passava no nível desse seu interesse precoce, diriam alguns, pelos estudos da linguagem. Ele confessa:

Figura 4 - Reprodução da folha 6 do manuscrito *Récit autobiographique de sa jeunesse et de ses études*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3957-1



Fonte: Saussure (1903, p. 6)

4 No original: “Il est vrai de dire que je trouvais en même temps un autre aliment à mes goûts linguistiques par la bibliothèque de mon grandpère maternel, le Cte. Alex [...] et aussi par ses conversations, car il était un amateur éminent de recherches ethnologiques et étymologiques — sans méthode, mais plein d'idées — comme pour son autre passion, la construction de yachts sur un principe mathématique: il n'a jamais trouvé le principe avec les yachts qu'il a lancés sur le Léman pour son amusement, mais l'idée n'était pas émise encore de construire un bateau sur le raisonnement. Ainsi c'était un esprit juste par la direction des recherches.”

A paixão desmedida [pela] linguística tomava conta de mim, evidentemente, desde esta época, porque eu ainda não tive-tinha aprendido nenhum rudimento de grego na escola, mas senti-me maduro para esboçar um sistema geral de linguagem, destinado à Adolphe Pictet.⁵

Optamos por traduzir a palavra “marotte”, do início da sua afirmação, por “paixão desmedida”. A expressão em português nos parece em consonância com o termo em francês e adequada ao tom que Saussure emprega no seu manuscrito, já que, em seguida, ele diz que ela “tomava conta de mim”, ou seja, sugere que ela é algo que pode fugir ao domínio do sujeito, a despeito da sua vontade, poderíamos completar, sem falsear a direção da sua afirmação.

Não obstante, quando olhamos os dois conectivos usados um pouco adiante na sua argumentação: porque (não havia tido aulas de grego), mas (sentia-se maduro para elaborar uma teoria), percebemos que eles introduzem informações que confirmam um ímpeto que não tinha sustentação no seu conhecimento sobre as línguas e seu funcionamento. Assim, com pouco conhecimento para o que se propôs, ele precisou se apoiar em uma paixão para esboçar um sistema geral da linguagem.

Stefan Zweig, escritor austríaco contemporâneo de Saussure, ao escrever sobre os afetos em estado limite, alguns anos depois da morte do genebrino, afirma que

a maior parte das pessoas tem a fantasia embotada. O que não as toca diretamente, o que não atinge duramente seus sentidos com sua ponta afiada quase não as excita. Mas se [algo] acontece diante de seus olhos, bem perto da sua emoção, ainda que seja algo insignificante,

⁵ No original: “La marotte linguistique me travaillait évidemment dès cette époque, car je n'eus pas plus tôt appris quelques rudimentos de grec à l'école, que je me sentis mûr pour esquisser un système général du langage, destiné à Adolphe Pictet.”

logo desencadeia nelas uma paixão desmedida (ZWEIG, 2007 [1922], p. 11).

Essa paixão desmedida foi desencadeada em Saussure, conforme o seu testemunho escrito, ainda na infância, quando foi tocado pela leitura do livro do vizinho e/ou na convivência com o avô. Isso, que aconteceu “bem diante dos seus olhos, bem perto da sua emoção”, para retomar Zweig, foi rememorado por Saussure já na maturidade e elevado à causa da aventura que o sustenta na linguística.

Todavia, é importante lembrar que a escrita dessa espécie de memorial é motivada por um constrangimento vivenciado por ele na juventude, que o persegue durante todo o seu percurso na linguística, como demonstra a escrita do *Souvenirs*. Nele o linguista trata, pela primeira e única vez, da suspeita de plágio que recai sobre o *Mémoire*, escrito na juventude, único livro que Saussure publicou em vida.

Assim, entre a angústia de retomar uma experiência que o constrangia e restaurá-la a partir da sua íntima aventura iniciada com a paixão infantil, ele encontrou essa imagem na biblioteca do avô. Não é surpreendente que o assentimento desse *punctum*, que ele elege como o ponto inicial da sua aventura, sucedesse num *a posteriori*, ou seja, depois de reconhecer a sua própria aventura como linguista. A partir de então, com a sua pena, ele abre uma espécie de caixa de pandora que, na escrita, libera as potências que comandaram a sua aventura.

Apesar de podermos identificar, com Saussure, uma aventura em curso, é Agamben quem nos traz uma formulação específica e detalhada sobre a aventura que nos permite acompanhar o manuscrito de Saussure por essa ótica. Vejamos como o filósofo italiano toma essa noção, a subverte e a especifica de maneira a assegurarmos que ele tem uma concepção própria que nos serve como dispositivo de

leitura do movimento de Saussure em seus manuscritos.

1.2 Aventura segundo Agamben

Giorgio Agamben (1942-), filósofo italiano, tem uma obra vasta, com uma considerável diversidade temática que a faz ser discutida em muitos outros campos para além da filosofia. Ainda, ele atrai para o debate problemas contemporâneos e autores das mais variadas áreas, não somente da filosofia, para compreendê-los. O seu livro *L'avventura*, publicado originalmente na Itália em 2015, traz consigo essas marcas presentes no conjunto da sua obra, com uma abordagem particular da linguagem que é um tema recorrente nos seus trabalhos.

Nesse pequeno livro, Agamben apresenta uma abordagem cuidadosamente focada do tema aventura, que parece ter sido inspirado por uma obra de Goethe (1749-1832): *As palavras originárias*, de 1817. Desse ponto de partida, o filósofo italiano segue com um número considerável de autores para perscrutar o sentido da aventura. Mas o primeiro capítulo, “Demônio”, é dedicado a tratar do que está em jogo na breve aventura da vida humana que a une às cinco divindades/potências de Macróbio e de Goethe: Daimon, o Demônio; Tyche, a Sorte; Eros, o Amor; Ananche, a Necessidade; e Elpis, a Esperança.

Ele começa a tratar, explicitamente, da aventura no segundo capítulo do livro, depois de ter exposto as cinco potências que presidem a existência humana. Apesar de os três capítulos seguintes terem como título o nome de uma das potências, eles não são dedicados unicamente a elas; ao contrário, Agamben continua a se dedicar à aventura e a observar em que ela é presidida por uma e/ou outra potência.

A partir de então, nos deparamos, certamente, com uma concepção de aventura muito singular, embora não unitária. Se, por um lado, ele exclui alguns dos sentidos já consagrados para o termo, indicando aspectos fundamentais para caracterizar a experiência da aventura que lhe interessa nessa reflexão, por outro lado, o sentido da aventura não se fecha sob o risco, inclusive, de desqualificar o seu cerne. Assim, o seguiremos, brevemente, para desfrutar da aventura em um sentido qualificado.

Agamben ancora a sua concepção de aventura em uma interpretação específica que faz das novelas de cavalaria da Idade Média, em contraposição à interpretação moderna desse termo, que também tem a sua interpretação da literatura do período medieval. É por um poema típico das novelas de cavalaria de Chrétien de Troyes que Agamben nos leva além da associação semanticamente autorizada e historicamente repisada entre a sorte e o acaso na literatura e apresentar uma noção de aventura constituída na linguagem.

O poema traz a busca de Yvain, o protagonista, pela aventura, termo que, segundo Agamben, nas novelas de cavalaria, pode ter muitos sentidos, e designar tanto o acaso quanto o destino, o evento inesperado ou a cadeia de fatos. Porém, ele observa: “Decisiva é, porém sempre a irresistível implicação do sujeito na aventura que lhe acontece” (AGAMBEN, 2018, p. 29).

Agamben destaca do poema o verbo “trouver”⁶, que lá se encontra associado à aventura, e alerta para o significado desse verbo no francês antigo: “compor poesia”. Assim, o significado atual do verbo, “procurar”/“encontrar”, permitiria, também, visto a época do poema,

⁶ Citamos o poema de Chrétien de Troyes (*apud* AGAMBEN, 2018, p. 25, grifos nossos), em francês, no original: “Je sui, fet il, uns chevaliers/qui quier ce que **trover** ne puis;/assez ai quis, et rien ne truis./Et que voldroies tu **trover**? /**Aventure**, por esprover/ma proesce et mon hardement. /Or te pri et quier et demant,/ se tu sez, que tu me conseil/ou de **aventure** ou de mervoille/A ce, fet Il, faudras tu bien; /d’**aventure** ne sai rien/n’onques mès n’en oi parler.”

“compor” a aventura, no sentido de compor uma poesia oralmente ou por meio da escrita. Dessa forma, “a aventura do cavaleiro é a mesma aventura do poeta” (AGAMBEN, 2018, p. 27).

É a partir da perspectiva do romance de cavalaria, então, que Agamben aponta para algo que é muito importante na sua definição de aventura, a qual implica tomar o acaso para si e, mais ainda, explicita a intrínseca relação da aventura com a palavra.

Entretanto, é com um contemporâneo de Saussure que Agamben dá um passo decisivo no seu percurso de redimensionamento da interpretação do termo “aventura”. Ele sublinha o duplo significado do termo alto-alemão “àventiure”, derivado do francês antigo “aventure”, que foi primeiramente observado por Grimm⁷: “Ao lado do significado de evento e acontecimento, àventure ganhou o de narrativa. [...] designa não apenas o que aconteceu, mas também a narrativa disso” (GRIMM, 1942, p. 6, apud AGAMBEN, 2018, p. 30). O filósofo italiano verifica que nem sempre é fácil distinguir entre “o evento e sua transposição em palavras” (AGAMBEN, 2018, p. 30) e, além disso, que, “[...] entre os possíveis significados do termo figura também o de destino” (AGAMBEN, 2018, p. 31). Essas instâncias do significado da aventura lhe permitem apostar que “aventura e palavra, vida e linguagem se confundem, e o metal que resulta de sua fusão é o do destino” (AGAMBEN, 2018, p. 32).

É nessa direção que ele aborda o trabalho de Maria de França⁸, no qual “aventura” toma a forma de um termo técnico, que ainda mantém toda “a riqueza semântica e toda ambiguidade descrita por Grimm” (AGAMBEN, 2018, p. 32). Agamben destaca, do seu trabalho, os versos lais, uma série de poemas narrativos curtos. Mais

⁷ Jacob Ludwig Karl Grimm (1785-1863) foi um dos responsáveis pela Lei de Grimm, que estabelece a regularidade das leis fonéticas, elaboração teórica importante para os estudos da linguagem do século XIX, ambiente intelectual formador de Saussure.

⁸ Assim conhecida em função de como se apresenta em um de seus trabalhos, os quais foram escritos em francês antigo, em fins do século XII, na Inglaterra.

especificamente, ele cita o Guigemar, no qual declara que ouviu as aventuras; no entanto, embora as tenha escutado, elas na verdade já são sempre narrativas escritas. O poeta conclui, assim, que, no trabalho da poetisa, é possível admitir que “[...] a aventura não precede a narrativa como evento cronológico, mas permanece desde o início inseparável dela” (AGAMBEN, 2018, p. 32).

No sentido de instaurar essa instância da aventura indissolúvel da linguagem, Agamben assevera que “ela não é um evento situado em um passado cronológico, mas já sempre evento de palavra” (AGAMBEN, 2018, p. 33). Um pouco adiante, ele é explícito ao dizer que, na narrativa de Maria de França, não há aventura-evento e aventura-narrativa, na qual a segunda deve corresponder à primeira, já que “aventura e verdade são indiscerníveis, porque a verdade advém e a aventura não é senão o advir da verdade” (AGAMBEN, 2018, p. 34).

De fato, na escrita da poetisa, Agamben nos mostra como aventure e verité se intercambiam, mas alerta que a verdade, ali, não é aquela da coincidência entre fatos e palavras, a histórica ou a lógica, mas a verdade poética. Na prática, “aventura” era “um termo técnico essencial do vocabulário poético medieval” (AGAMBEN, 2018, p. 37), de caráter performativo. No entanto, Agamben recolhe, dessa perspectiva da aventura na Idade Média, tanto a unidade entre evento e narrativa quanto entre a coisa e a palavra.

Apresentamos, dessa maneira, uma entrada possível do termo “aventura” tal qual preconiza Agamben, justamente porque ele vai opô-la a outra interpretação do termo que, segundo ele, obscurece o seu sentido. Ele situa o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna como um período no qual há “um eclipse e uma desvalorização da aventura” (AGAMBEN, 2018, p. 39). Lembra que os irmãos Grimm, em seu vocabulário, atestam um exemplo pejorativo do termo em

Lutero, mas ressalta que “é em Hegel que a condenação da aventura é sancionada sem reservas” (AGAMBEN, 2018, p. 39). Agamben diz que, para Hegel, a aventura amorosa da cavalaria permanece externa ao sujeito. O filósofo italiano é categórico: “É difícil imaginar uma compreensão mais completamente equivocada da intenção medieval” (AGAMBEN, 2018, p. 41).

Agamben introduz, então, Simmel⁹, cuja concepção de aventura está diretamente ligada ao contexto da existência comum. Ele diz que “a vida no seu conjunto possa ser sentida como uma aventura [...] por isso, não é necessário sermos aventureiros, nem levar a cabo muitas aventuras singulares [...]” (SIMMEL apud AGAMBEN, 2018, p. 42). No entanto, Agamben observa que Simmel não dá conta de um aspecto duplo da aventura que consiste em, ao mesmo tempo, ser apenas uma parte da existência e, ainda assim, conferir a ela uma unidade superior. Simmel interpreta isso como uma contradição da aventura, enquanto Agamben vê como um aspecto constitutivo. Apesar de Simmel entender o nexo da aventura com o amor, por exemplo, ele continua compreendendo-a, segundo Agamben, como “um tempo roubado” do processo dos eventos que constituem a existência. Sobretudo, o filósofo italiano nota que, se Simmel tivesse levado em consideração os poemas cavalheirescos nos quais a aventura tinha aparecido pela primeira vez nas literaturas europeias, ele teria percebido que ela se identifica com o sujeito para o qual advém não porque ele investe nela, mas também porque ela o transforma e que a relação da aventura com Eros não acontece porque aquela dê sentido a este, mas porque “somente uma vida que tem a forma da aventura pode encontrar verdadeiramente o amor” (AGAMBEN, 2018, p. 45).

O filósofo ainda acrescenta à discussão sobre a concepção

9 Georg Simmel (1958-1918), sociólogo alemão.

moderna de aventura, Backer, a quem devemos, segundo ele, uma tentativa de construir uma teoria filosófica da aventura que se caracteriza pelo “ser levado”, no sentido de uma “absoluta falta de peso” (AGAMBEN, 2018, p. 46). Afinal, a desconhecida aventura se faz na sua própria narrativa, por um sujeito totalmente envolvido nessa experiência que deve ao acaso o seu percurso, ou seja, que é capturado pela aventura na condição de que a sinta como sua.

A configuração que Agamben oferece à aventura favorece uma associação com o processo pelo qual passa Saussure durante a escrita de aproximadamente 30 mil folhas e nos parece bastante vantajosa para nos aproximarmos da aventura do linguista, ao qual é reputado fundar a linguística moderna.

Por fim, é importante notar a observação do tradutor brasileiro de Agamben, Cláudio Oliveira, que joga luz sobre a sua leitura da literatura medieval e enfatiza (na nota 25, na página 27) esse duplo sentido autorizado tanto pelo francês antigo como pelo italiano, que comporta pensar que o escritor-poeta (trovador) encontra (trouve) nos seus versos à medida que os entoa-enuncia-compõe (trouve). Destacamos a leitura do filósofo, iluminada pela do tradutor, porque é precisamente esse o processo que a nossa experiência com os manuscritos do linguista suíço revela. Saussure não escreve o que sabe. Escreve para saber. Aliás, se nos atentarmos para a distinção entre os verbos “saber” e “conhecer” poderemos dizer que ele escreve para conhecer o que sabe. É enquanto Saussure escreve que a sua aventura de linguista é realizada. Ele não conta a aventura, ele a experiencia na escrita.

Agamben inicia seu livro sobre a aventura nos dizendo, a partir de Goethe e de Macróbio, que Daimon, Tyche, Eros, Ananche e Elpis presidem o nascimento de cada homem, cuja vida deve pagar o seu tributo a cada uma dessas divindades sem procurar evitá-las ou enganá-las, e conclui que ainda mais decisivo na existência humana

é considerar “o modo como cada um se mantém em relação com essas potências define a sua ética” (AGAMBEN, 2018, p. 12). A aventura é, portanto, nessa perspectiva, o terreno no qual essas potências têm iluminação privilegiada e se deixam entrever, não sem sombras, mas com a textura que evidencia a complexidade de cada uma. Vejamos, então, como compreender cada uma delas.

CAPÍTULO 2 - A(S) POTÊNCIA(S)

Em outra perspectiva da aventura que apresentamos no capítulo anterior, Agamben expõe as potências Daimon, o Demônio; Tyche, a Sorte; Eros, o Amor; Ananche, a Necessidade; e Elpis, a esperança, sob o princípio que “a vida de cada homem deve pagar tributo a essas quatro divindades” (AGAMBEN, 2018, p. 12). É assim que ele abre a sua proposição sobre a aventura, pautando-a a partir da leitura que faz da obra de Goethe, *As palavras originárias*, escrita no início do século XIX, no qual ele traz Macróbio, em *Saturnais* (370 d.C.), que lhe oferece o prisma das quatro primeiras divindades, sendo a quinta incluída pelo próprio escritor.

O filósofo italiano serve-se dessa formulação como um farol para a sua concepção de aventura, mas alerta que as divindades representam conceitos não personificados para as potências que regem a vida humana e desenvolve a sua argumentação no sentido de apresentá-las como constitutivas da aventura.

Ao sustentar essa perspectiva, Agamben nos apresenta as cinco potências, estabelecendo uma estreita ligação com a sua noção de aventura que se encontra imbricada à linguagem. Nesse percurso, ele se dedica mais a Daimon. Às outras, ele reserva menor espaço. Sem dúvidas, Tyche é a potência mais sedutora; Eros é o mais potente, ultrapassando inclusive a aventura; Ananche é ambígua, oscila entre potência e ruína da aventura; já Elpis merece poucas linhas do autor.